

OCORRÊNCIAS DE SUICÍDIO ENTRE OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DO PERÍODO 2015-2019

Miriã Ortiz Passos de ANDRADE¹; Romênia Michelle Gonçalves de SOUSA¹; Rafael Ademir Oliveira de ANDRADE¹

1. Centro Universitário São Lucas, Porto Velho, Rondônia, Brasil.
Autor correspondente: miortizpassos@gmail.com

Dentre os impactos causados pelos processos de assimilação, desterritorialização e outras violências sistematicamente causadas pelo Estado tanto por ação direta (grandes empreendimentos, projetos de colonização, dentre outros) ou por omissão (diminuição do orçamento indigenista, precarização dos sistemas educacionais e de saúde, dentre outras) temos a violência autoinfligida que leva a morte dos indígenas no país. Tais atos possuem múltiplas origens culturais – tanto endo quanto exógenas. Como origens culturalmente endógenas apontamos as respostas culturais dos povos a situações provocadas internamente – suas relações com outros indígenas e as origens exógenas remontam diretamente a destruição de instituições étnicas responsáveis pela manutenção da coesão social daqueles povos: concepções de família, de papéis sociais, de alimentação, religiosidade, pressões de agentes violentos que levam a casos de depressão, ansiedade e suicídio entre essas populações. Nosso objetivo aqui é debater os índices de suicídio entre os povos indígenas no Brasil e apresentar suas causas gerais, apontando a necessidade de estudos étnicos específicos. Em 2019 (última compilação de dados organizadas pelo CIMI Nacional) os dados da SESAI informam que foram registrados 133 suicídios entre a população indígena, 32 a mais do que registrados em 2018. Os estados com maior ocorrência foram do Amazonas e Mato Grosso, sendo estes também os com maior população indígena do país. Nos anos aqui analisados tivemos casos de suicídios no Brasil: 87 em 2015, 105 em 2016, 126 em 2017, 100 em 2018 e 133 em 2019. Apesar do aumento entre 2015 e 2016 temos uma constância de casos no país. Sendo o Mato Grosso do Sul o estado com maior número de casos, 184 dos 551 casos totais dos anos aqui analisados. O Mato Grosso do Sul é região marcada por alta densidade populacional (maior número de indígenas por metro quadrado de território) do país, um alto índice de desmatamento, grande pressão do agronegócio sobre os grupos étnicos que impossibilitam que respostas culturais tradicionais sejam dadas para respostas a partir dos cenários que surgem do contato intercultural. O território é fundamental para reestruturação dos povos em vários aspectos, dentre eles a da saúde – mental também. O suicídio também se atrela a



questões históricas, territoriais e cosmológicas dos povos indígenas – entre os Guarani Kaiowá, segundo Staliano, Mondardo e Lopes em artigo publicado na revista *Psicologia: Ciência e Profissão* (2019), a grande população nas reservas, precarização dos modos de vida e a incapacidade produtiva tem levado este povo a um alto índice de violência autoinfligida o que leva os autores, a partir disto, a sugerir um CAPS indígena que deve ser realizado a partir de uma junção de atores da SESAI e representantes religiosos/lideranças dentro dos grupos étnicos para que se possa apontar um tratamento que não seja pautado nas nossas diretrizes de tratamento – pois tais populações possuem cosmologias diferentes daquelas compartilhadas pelos impactos pela modernidade ocidental. Aproveitamos o ensejo dos autores para recomendar que tal pensamento de um CAPS indígena seja pensado como parte fundamental da SESAI em parceria com outras instituições com ações indigenistas do Brasil. Outras questões impactam diretamente na saúde mental de tais populações que são decorrentes do contato e da violência intercultural sendo endêmico o alcoolismo entre jovens indígenas, sendo até necessário um debate para instauração de um CAPS-AD entre as aldeias indígenas que tenham tal problemática diagnosticada.

PALAVRAS-CHAVE: Indígenas. Saúde Mental. Suicídio.